

Licenciatura em Ciências da Comunicação: Jornalismo, Assessoria, Multimédia

Ano letivo 2022/2023

Relatório de Estágio Curricular

Jornal PÚBLICO



por Amanda Faria dos Santos Nascimento (up202000390)

sob orientação do Professor Helder Bastos

8 de julho de 2023

Agradecimentos

Aos meus orixás e guias de luz que me acompanham,
pelo amor incondicional que me sustentou até aqui.

A minha mãe Flávia e a minha avó Elizabeth,
por serem o maior exemplo de resistência e darem-me asas para alçar novos voos.

Ao meu pai Lécio e aos meus irmãos Hércules e Guilherme,
por serem os meus incentivadores e o meu porto-seguro.

Ao meu avô Franklin [*in memoriam*] que partiu tão cedo sem me permitir despedidas,
*por me apresentar a leitura e ser sempre o maior fã das minhas histórias. Escrevi
cada reportagem a imaginar-lhe a ler com olhos atentos e coração atencioso.*

Ao Henrique,
por ser a personificação do cuidado e traçar junto a mim um caminho de amor.

Ao Guilherme, Luísa, Ana e Augusta,
por serem a minha família em Portugal e acolherem-se com tanto afeto.

Aos meus alunos,
por serem a minha luz que nunca se apaga e ilumina a minha vida.

Aos meus amigos Igor, Emilly, Mirela, Matheus, Isabella e Pedro,
por partilharem da minha felicidade e dor com lealdade e honestidade.

Ao professor Helder Bastos,
por incentivar-me e encantar-me com a beleza e complexidade do ofício jornalístico.

À Claudia Carvalho Silva e Andrea Cunha Freitas, editoras do Azul, do PÚBLICO,
pelo respeito, paciência, cuidado e carinho em cada ensinamento.

À Ana Catarina e todos os colegas da redação do PÚBLICO do Porto,
que me sorriu e transformou esta experiência numa doce memória.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	4
ORGANIZAÇÃO DO ESTÁGIO.....	4
OBJETIVOS INICIAIS.....	5
O ÓRGÃO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL.....	6
O AZUL.....	7
ORGANIZAÇÃO INTERNA E MODO DE FUNCIONAMENTO.....	8
TRABALHO EXECUTADO PELA ESTAGIÁRIA.....	10
ANÁLISE QUANTITATIVA.....	10
ANÁLISE QUALITATIVA.....	15
REFLEXÃO: A LICENCIATURA E O ESTÁGIO.....	18
CONCLUSÃO.....	19
ANEXOS.....	21
WEBGRAFIA.....	21
ARTIGOS ASSINADOS.....	22
ARTIGOS EM COLABORAÇÃO.....	23
ARTIGOS DA AGÊNCIA LUSA.....	24
TRADUÇÕES.....	25
EDIÇÃO IMPRESSA.....	27

INTRODUÇÃO

Este relatório abrange o estágio curricular realizado como parte da unidade curricular de Projeto Jornalismo do último ano da licenciatura em Ciências da Comunicação: Jornalismo, Assessoria, Multimédia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), marcando o encerramento dos três anos de curso (2020 a 2023). O estágio foi realizado no jornal PÚBLICO, na redação do Porto, durante três meses no segundo turno, de 10 de maio a 9 de agosto, em período integral. Este relatório regista os trabalhos executados no período de 11 de maio a 7 de julho.

Durante o percurso académico, a estagiária teve contacto com as diferentes vertentes da comunicação social e ao longo dos três anos, identificou-se mais com o jornalismo online e impresso. Com base nesses interesses, a escolha pelo jornal PÚBLICO não foi surpreendente, uma vez que, desde o primeiro dia em Portugal, sempre foi sua principal fonte de informação, com notícias factíveis e responsabilidade social. O estágio curricular no PÚBLICO permitiu que a estagiária conhecesse os processos e o funcionamento do jornal, assim como a realidade da profissão jornalística.

Antes do início do estágio curricular, a estagiária visitou a redação e passou por uma entrevista no dia 21 de abril, conduzida pela editora de redes sociais, Amanda Ribeiro. Durante a conversa, a editora questionou os gostos e áreas de interesse da estagiária, que seriam considerados na atribuição das secções. A estagiária mencionou interesse nas áreas de Local, Mundo, Meio Ambiente e Sociedade.

ORGANIZAÇÃO DO ESTÁGIO

No dia 10 de maio, iniciou-se o estágio no PÚBLICO, quando a estagiária foi informada de que integraria a secção Azul, dedicada a temas como biodiversidade, meio ambiente e alterações climáticas, com os horários e atribuições correspondentes. Durante uma conversa com a editora Andrea Cunha Freitas, relativamente ao teletrabalho, devido à necessidade de conciliar o seu trabalho com o estágio, foi-lhe permitido trabalhar em casa às quartas-feiras e sextas-feiras. O horário estipulado foi das 10h às 18h, de segunda a sexta.

No entanto, foi informada de que os horários poderiam ser excedidos ou alterados em determinados momentos, devido a notícias com publicações imediatas ou reportagens. Um exemplo dessas situações foi a cobertura do São João do Porto, em que a estagiária redigiu alguns artigos e realizou entrevistas até às 02h30 da manhã, na Ribeira do Porto, posteriormente, na manhã de sábado, das 08h às 12h, escreveu o texto da reportagem para publicação online e impressa. Ao longo do estágio, a

estagiária percebeu que a redação e a editora eram flexíveis relativamente aos horários, desde que os trabalhos fossem bem realizados e desenvolvidos.

OBJETIVOS INICIAIS

As responsabilidades da estagiária incluíam a realização de entrevistas, redação de artigos e reportagens, tradução de textos de órgãos de comunicação internacionais, como Reuters, Bloomberg e The Washington Post, além de adaptação de textos da Agência Lusa para adequá-los à linha editorial e ao estilo do PÚBLICO. Além disso, também foi encorajada a sugerir e escrever temas por iniciativa própria.

Na primeira semana, o trabalho realizado consistiu principalmente na realização autónoma de uma reportagem no primeiro dia, tradução de textos do The Washington Post e Bloomberg e edição de notícias da Agência Lusa, todas essas tarefas propostas pelas editoras. A partir desse momento, os conteúdos produzidos foram semelhantes, como reportagens e Lusas, no entanto, a estagiária passou a ter textos assinados e a entrar em contacto com fontes em diferentes idiomas, como inglês e espanhol. Após a redação e revisão dos textos no back office, onde os textos são produzidos, editados e revistos, os editores reviam e faziam as alterações necessárias, além de conversarem com a estagiária para explicar o que havia sido bem-feito e o que poderia ser melhorado.

Durante o estágio, a estagiária contou com a orientação e correção da editora Andrea Cunha Freitas, e da subeditora, Claudia Carvalho Silva, ambas do Azul. Além disso, teve a oportunidade de trabalhar com Bárbara Wong, editora da Ímpar, e Ana Fernandes, editora do Local, a partir de propostas recebidas e feitas para outras editorias. No âmbito académico, o professor Helder Bastos acompanhou a estagiária durante o estágio.

Ao longo de todo o estágio, a estagiária executou pelo menos um trabalho diariamente e propôs temas que estivessem alinhados com a linha editorial do Azul, desde que não interferissem nos artigos solicitados pela editora. Em dias mais movimentados, como as terças-feiras, quando a redação contava com a presença de outros jornalistas, a estagiária teve a oportunidade de conhecer e conversar com colegas de profissão, trocar experiências no campo, obter conselhos para entrevistas e esclarecer dúvidas sobre o Livro de Estilos do Público. Essas oportunidades de convívio social proporcionaram um crescimento e amadurecimento profissional, auxiliando-a na condução de entrevistas com fontes e na produção de reportagens. É relevante ressaltar que, ao longo dos três meses de estágio, o PÚBLICO concedeu um subsídio para alimentação, além de possibilitar o uso do serviço de táxis, cujas despesas foram cobertas pelo jornal quando a estagiária precisou realizar reportagens.

Com este relatório, que engloba uma visão global e detalhada, pretende-se registar a experiência da estagiária no PÚBLICO, apresentando a empresa e evidenciando o trabalho realizado tanto em termos quantitativos quanto qualitativos. Além disso, na conclusão, será feita uma reflexão sobre o percurso da estagiária, abordando a sua aprendizagem e desenvolvimento ao longo do período analisado, bem como a conciliação entre essa experiência e a sua formação académica.

O ÓRGÃO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

No verão de 1988, um grupo de jornalistas ligados ao semanário Expresso idealizou um novo projeto de jornal. A iniciativa de Vicente Jorge Silva contou com o apoio do empresário Belmiro de Azevedo, presidente do grupo Sonae. A partir daquele momento, o grupo editorial — conhecido como “núcleo duro” ou “grupo do nove” — passou a ter novos integrantes para além de Vicente Jorge Silva: Jorge Wemans, Augusto M. Seabra, Henrique Cayatte, Joaquim Fidalgo, José Manuel Fernandes, José Queirós, José Vítor Malheiros e Nuno Pacheco.

Após uma série de contactos exploratórios e reuniões, em março de 1989, a Sonae tomou a decisão de avançar com o projeto. No dia 28 daquele mês, Carlos Moreira da Silva, vice-presidente do grupo, anunciou numa conferência de imprensa no Porto para lançamento do novo jornal, que já tinha nome: PÚBLICO.

Um dos desafios foi encontrar as instalações adequadas no Porto e em Lisboa, mas com os contactos e entre “redações provisórias”, o jornal passou a existir e funcionar. As contratações de jornalistas foram rápidas e o mercado reagiu com aumentos salariais. Além disso, foi realizado um concurso para jovens jornalistas, com 25 selecionados. O PÚBLICO foi, desde o início, um órgão de comunicação inovador que buscava estar “mais perto do público, mais perto do acontecimento”, lema utilizada na sua primeira campanha publicitária. Numa “Magna Carta” assinada entre o acionista da Sonae e o grupos dos nove, foi declarada a “criação em Portugal de um jornal diário que, através de uma aposta inovadora no plano editorial e tecnológico, reúna as energias necessárias para responder ao desafio de uma informação moderna e de qualidade no espaço europeu”. E assim foi feito. Em formato tabloide e impresso a cores, com duas publicações diárias, uma para o Porto e outra para Lisboa, além dos suplementos, o jornal conseguiu estabelecer-se como um órgão de comunicação social de qualidade e inovador, atribuições que perduram até os dias atuais.

O PÚBLICO visou integrar os moldes do jornalismo moderno e teve como inspiração grandes jornais internacionais como The Washington Post, The New York Times, El País, Le Monde, The Independent e Libération. No seu Estatuto Editorial,

estabelece-se o compromisso de oferecer uma informação diversificada, proteger a liberdade de expressão e evitar sensacionalismo e exploração mercantil da informação. O lema utilizado atualmente é “Abrir portas onde se erguem muros” que expressa o viés de acesso democrático à informação de qualidade.

Com o advento da internet, o PÚBLICO expandiu-se para o meio digital onde passou a disponibilizar o seu conteúdo em publico.pt. A partir de 2001, o jornal passou a investir no ciberjornalismo e aumentou o número de editorias, abrangendo áreas como Sociedade, Política, Economia, Ciência, Cultura, Local, Mundo, Tecnologia, Desporto e Opinião. Além disso, o PÚBLICO investe em multimédia, incluindo infográficos, galerias de fotos, vídeos, o *podcast* P24, documentários, *newsletters* e elementos interativos, como quizzes, tanto no site oficial do jornal quanto no seu canal no YouTube e perfil no Instagram.

O texto de todas as publicações do jornal não segue o Acordo Ortográfico de 1990, exceto pelos artigos de opinião dos colaboradores do PÚBLICO. Cada edição impressa contempla editorias como Destaque, Espaço Público, Política, Sociedade, Local, Economia, Mundo, Cultura, Ciência e Desporto. Além disso, o PÚBLICO possui suplementos como Ípsilon, Fugas e P2, publicados semanalmente, que também têm presença diária no meio digital.

Os assinantes têm acesso às edições impressas em formato PDF pelo *site*. Além disso, podem ver artigos exclusivos, ter acesso à Estante P — que contempla livros de crónicas de Miguel Esteves Cardoso, projetos especiais como “12 Meses de Guerra na Ucrânia”, “Brasil 200 Anos”, “Cicatrices de Mulheres”, entre outros —, e jogos como *puzzles*, *sudoku*, xadrez e palavra cruzada. O jornal recebeu inúmeras distinções ao longo dos anos, incluindo prémios de excelência em *design* jornalístico e reconhecimento pela sua abordagem no ciberjornalismo.

O AZUL

O Azul é um projeto do jornal PÚBLICO que surge em 2022 em resposta à crescente preocupação global com questões ambientais e a crise climática. Com uma equipa dedicada e comprometida, o Azul visa abordar esses temas de forma aprofundada e regular, oferecendo informações confiáveis baseadas em rigor factual, verificação e acesso a fontes credíveis. O projeto visa ser uma plataforma de encontro entre cidadãos, cientistas e associações ambientais, promovendo a reflexão e compreensão dos desafios enfrentados. Entre os assuntos abordando também estão divulgação científica de cunho ambiental, colaboração de especialistas para a publicação de artigos de opinião, entrevistas, arquivos multimédia como a série de vídeos “PQ” que explica de modo simplificado e didático as questões ambientais e termos utilizados

nas notícias. Ademais, há infografias como “A aposta do hidrogénio verde”, “A chuva encheu os rios e as barragens?” e “Os desafios de um mar que não para de subir”, que auxiliam a visualização da informação além do leitor poder interagir com os gráficos, mapas e ilustrações expostos.

O Azul é um projeto essencialmente digital, financiado por uma rede de parceiros comprometidos com a agenda ambiental. Entre os principais patrocinadores estão a Fundação Calouste Gulbenkian, a Biopolis, a Lipor e a Sociedade Ponto Verde. Essas instituições possuem competências nas áreas do ambiente, demonstram responsabilidade social e assumem estratégias de neutralidade de carbono. O financiamento fornecido por esses parceiros permitem a operação da equipa do Azul, possibilitando a produção de conteúdo informativo gratuito e de qualidade. A parceria com essas instituições reflete o compromisso do Azul em oferecer uma abordagem editorial independente, transparente e comprometida com as questões ambientais.

ORGANIZAÇÃO INTERNA E MODO DE FUNCIONAMENTO

A direção editorial era de Manuel Carvalho até maio de 2023, conciliando a gestão de ambas as redações (Lisboa e Porto). No entanto, a partir de 1 de junho de 2023, David Pontes assumiu a posição de diretor. Há quatro diretores-adjuntos coordenam as duas redações: Marta Moitinho Oliveira, Sónia Sapage, Andreia Sanches e Tiago Luz Pedro. A direção de arte é por conta de Sónia Matos e o design de produto Digital é de Inês Oliveira e Helena Pereira e Patrícia Jesus são as editoras-executivas. O editor de fecho é José Mateus, o de opinião é Álvaro Vieira e o do caderno P2 é Sérgio B. Gomes.

Os jornalistas interagem diariamente, seja em reuniões ou na produção de conteúdo. Essa divisão entre as redações reflete-se na versão impressa do jornal, que publica duas edições. Uma edição tem como foco as regiões Sul e Centro-Sul, enquanto a outra edição aborda as regiões Norte e Centro-Norte. Essas versões diferenciam-se na secção Local, direcionadas para acontecimentos específicos em diferentes partes do país.

O PÚBLICO não se limita apenas às redações, contando com colaboradores espalhados por todo o território continental, incluindo os arquipélagos da Madeira e dos Açores. Além disso, há uma colaboradora em Bruxelas, nomeadamente Rita Siza, quem faz as coberturas das conferências de imprensa e também transmite as informações de medidas em contexto Europa e União Europeia para os outros jornalistas do PÚBLICO em Portugal.

Na redação do Porto, onde a estagiária trabalhou, os jornalistas ocupam diferentes “ilhas” ou grupos de mesas. Geralmente, a divisão é feita por editorias, proporcionando um fluxo de trabalho melhor no qual os jornalistas das mesmas editorias podem interagir sem ter que levar da própria cadeira. A “ilha do Azul” era compartilhada com a editoria Local e umas das últimas a serem vistas quando se entrava na redação. A frente do Azul estava a Fotografia, no qual a estagiária pode conversar com os fotojornalistas e aprender mais sobre os registos fotográficos e a arte de contar histórias com imagens.

É importante destacar que nesta redação não existem as secções Ímpar e Mundo, portanto, todo o trabalho relacionado a essas secções é produzido em Lisboa ou em contacto remoto com os jornalistas, editores e subeditores da capital.

As manhãs começam entre das 10h às 11h, com uma maior concentração de pessoas durante o início da tarde, com exceção das segundas e sextas-feiras, quando os jornalistas costumam estar em teletrabalho. No entanto, os outros dias são mais agitados com conversas, entrevistas, chamadas telefónicas, movimentação dos jornalistas de um lado para o outro. É um ambiente acolhedor que não se sente a tensão constante típica da redação de um jornal, exceto em casos de notícias urgentes quando os ânimos agitam-se.

Quanto à organização e estrutura do jornal, são realizadas duas reuniões diárias por videochamada, uma às 9h e outra às 17h, que conectam as duas redações. Essas reuniões permitem organizar as atividades da redação, seleccionar os assuntos a serem cobertos, escolher os temas para a primeira página e a manchete, bem como tratar as questões pertinentes daquele dia.

Também são realizadas reuniões e formações nas outras secções, embora a estagiária desconheça os dias e horários específicos. Relativamente ao Azul, há reuniões fixas todas as segundas-feiras, geralmente às 12h, a estagiária participou de todas as reuniões. Durante os encontros semanais, com duração média de uma hora, os editores e subeditores destacam os assuntos relevantes que necessitam da atenção da equipa, bem como cada um é perguntado sobre quais trabalhos desenvolvem minuciosamente. As reuniões foram uma mais-valia para a estagiária, pois lhe permitiram ter uma troca significativa com os colegas da redação de Lisboa — que a orientaram quando precisou ir em reportagem. Além disso, pôde ver de perto a construção da linha editorial da secção e entender, de fato, o significado da expressão “trabalho em equipa”. Apesar da definição de pauta ter periodicidade semanal, as editora e subeditora mantinham-se em contacto com a estagiária pelo WhatsApp, chamada telefónica ou presencialmente todos os dias.

O Azul, secção que a estagiária desenvolveu os seus trabalhos durante o estágio curricular, conta com uma editora no Porto, Andrea Cunha Freitas, e uma subeditora em Lisboa, Claudia Carvalho Silva. Nas editorias Ciência, Tecnologia, Ímpar e Local, por terem uma equipa menor, há apenas um editor, enquanto nas demais há dois ou mais, podendo também haver subeditores que auxiliam nas tarefas de revisão de texto, publicação de conteúdo e paginação.

Os jornalistas redigem os textos e os inserem no sistema backoffice, onde são preparados em termos de layout, incluindo elementos multimédia, como fotos, vídeos e hiperligações. Em seguida, os textos são revistos pelos editores ou subeditores. Podendo passar, ainda, por um *copy-desk*, profissional que rever os textos escritos pelos jornalistas para rever a ortografia, pontuação e sintaxe. E, enfim, o texto é publicado na data em que foi agendado.

Quanto aos assuntos a serem abordados, nem sempre é o editor que propõe as ideias. Muitas vezes, são os próprios jornalistas que sugerem temas com ideias que obtiveram a partir de pesquisas na internet ou comunicados de imprensa que chegam na caixa de correio eletrónico, embora não sejam os únicos meios, são os principais.

Desde o primeiro dia, as editoras incentivaram os estagiários a terem autonomia para propor trabalhos. Geralmente, as reportagens são realizadas por duplas compostas por um jornalista e um fotojornalista. Os estagiários também participam desse modelo de reportagem, promovendo a sua independência, prática e autonomia, demonstrando a confiança depositada neles pelo jornal.

TRABALHO EXECUTADO PELA ESTAGIÁRIA

ANÁLISE QUANTITATIVA

Durante o período de estágio no PÚBLICO, a estagiária redigiu e colaborou com 40 conteúdos jornalísticos (Gráfico 1 e 2). Desses, dois artigos foram redigidos em colaboração com a editora do Azul, sendo uma reportagem e uma notícia — a estagiária contribuiu com entrevistas e escreveu alguns parágrafos do texto — e os trabalhos foram assinados como “Azul” (Anexos: Tabela 2).

Depois, destacam-se 18 artigos assinados e publicados e um a aguardar a publicação (Anexos: Tabela 1). Dos assinados, há três reportagens e 16 notícias (Gráfico 3). Dos artigos publicados no site, a maioria está publicada no Azul, com exceção de uma reportagem para o Ímpar e uma para o Local, além de uma notícia para o Mundo (Gráfico 4).

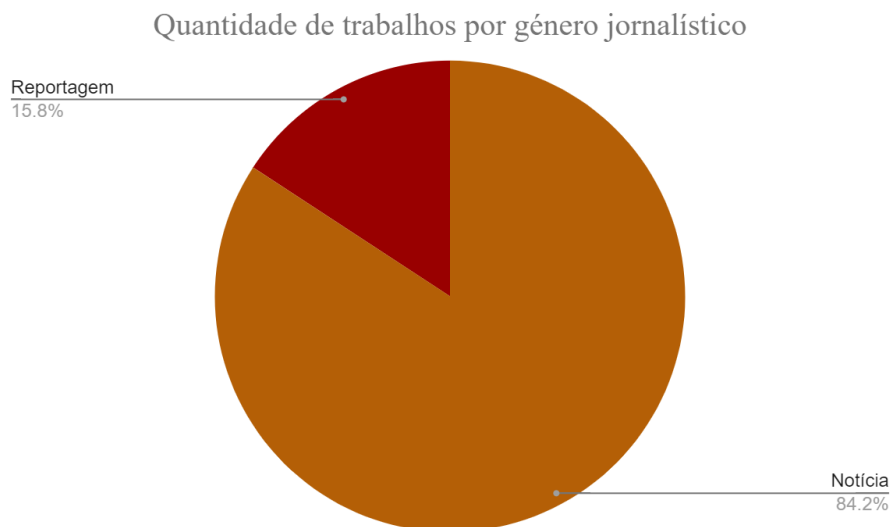


Gráfico 3: Quantidade de trabalhos por género jornalístico

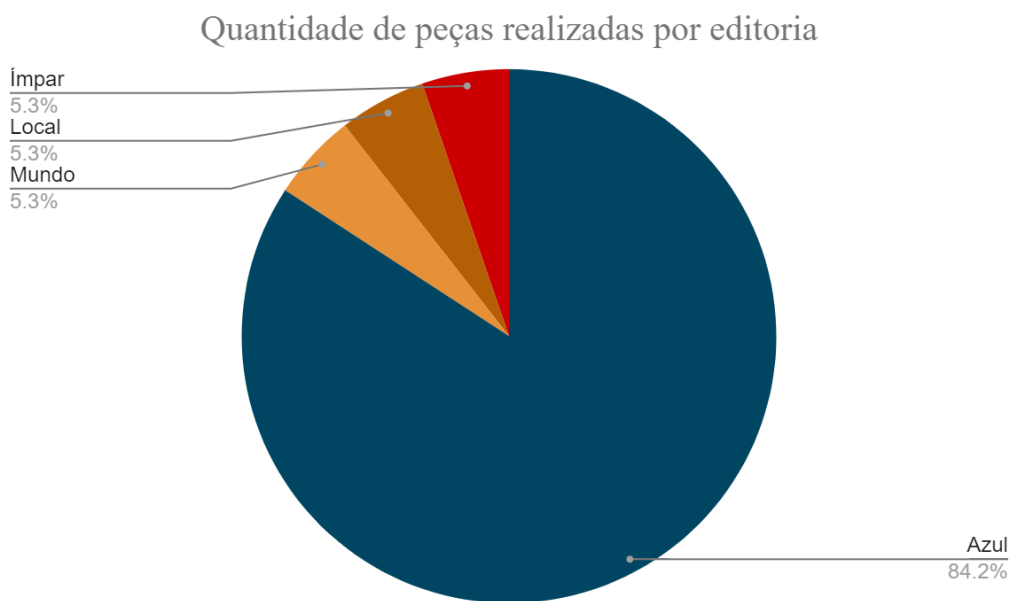


Gráfico 4: Quantidade de trabalhos por editorias

Enumeram-se, ainda, cinco artigos da Agência Lusa que a estagiária “limpou”, como costuma-se chamar na redação o processo em que o texto é adaptado conforme o Livro de Estilos do Público, informações são acrescentadas (se necessário) e o layout é alterado com imagens, hiperligações e incorporação de “subnotícias” entre os parágrafos. Além disso, a estagiária traduziu 12 textos de jornais internacionais como The Washington Post, Bloomberg e Reuters.

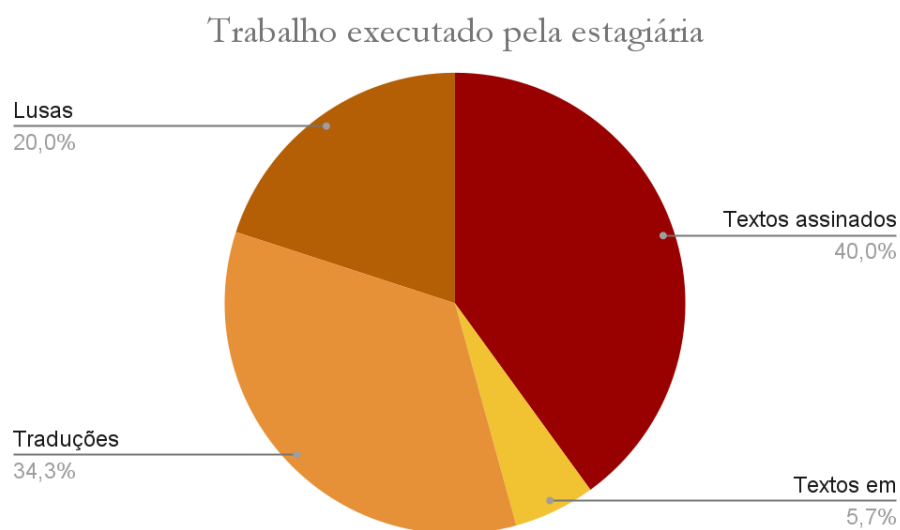


Gráfico 1: Trabalho executado pela estagiária por categoria em percentagem

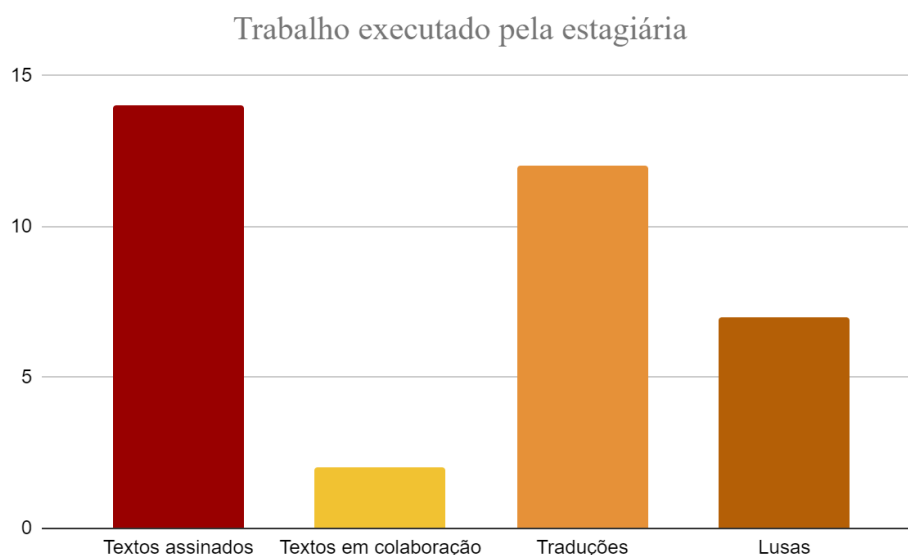


Gráfico 2: Trabalho executado pela estagiária por categoria em colunas

Do portfólio criado pelo jornal (Ver Webgrafia), a estagiária gostaria de ressaltar, num primeiro momento, três trabalhos, sendo um artigo e duas reportagens. No primeiro, intitulado “Atum enlatado: uma iguaria que pode ter um preço humano elevado, acusa relatório”, a aluna precisou construir uma notícia a partir de um relatório divulgado pela Bloom Association em colaboração com a Harvard Law School, o qual denunciava casos de tráfico humano e diversas violações dos direitos humanos na indústria pesqueira. Foi o seu segundo texto assinado e o que lhe fez sentir, pela primeira vez, o peso de transmitir informações de cunho social dessa magnitude. Para

redigir a notícia, a estagiária passou mais de uma semana a ler o relatório e a conferir cada fonte que posteriormente usaria no seu texto. Precisou, também, contactar as associações citadas pelo relatório para obter declarações oficiais sobre as investigações e averiguar os dados fornecidos para mensurar, estatisticamente, o impacto dessas práticas na Europa e em Portugal. O resultado foi um longo artigo com 1250 palavras (7913 caracteres).

Em seguida, a reportagem da noite do São João do Porto foi uma das mais importantes durante o seu período de estágio. Embora a estagiária estivesse alocada na secção Azul, foi-lhe solicitado que escrevesse para o Local Porto. A construção do artigo “Manuel quer chegar aos 100 anos para continuar a celebrar o São João do Porto” marcou dois dias de muito trabalho. A estagiária recebeu as indicações de André Borges Vieira, jornalista do Local, o que foi uma mais-valia para a redação do texto. A nota de que faria a cobertura de uma das noites mais emblemáticas do Porto surgiu na segunda-feira durante a reunião com a equipa do Azul e os dias a seguir foram de leitura dos artigos publicados nos anos anteriores pelo PÚBLICO sobre o S. João do Porto. O trabalho da estagiária começou durante a tarde ao entrevistar a presidente da Batucada Radical, grupo composto por pessoas de diversas nacionalidades que tocam instrumentos para produzir uma melodia que mistura a chula e o samba, que era um ponto importante da história. Por volta das 22h00 a estagiária dirigiu-se à Ribeira do Porto e começou a fazer as entrevistas. Por se tratar de um dia festivo, muitos não quiseram falar com a estagiária, então essa teve que mudar a estratégia para conseguir os depoimentos que precisava para construir a reportagem. Entre as conversas despreziosas, conseguiu conquistar a confiança de seis entrevistados e construiu a notícia. Como era para a versão impressa também, a hora limite de entrega no sábado era às 12h30, portanto, a estagiária transcreveu as entrevistas e redigiu o texto que resultou em duas páginas na versão impressa (Ver Anexo: Fotografia 1 e 2).

Outro trabalho que se destaca nesta experiência é a reportagem “*Afonso tem uma luz na ponta dos dedos: 'Acho que os pirilampos gostam de mim'*”, em que a estagiária foi ao terreno com um fotógrafo para cobrir a 1.ª observação de pirilampos aberta ao público organizada pela Associação Portuguesa para a Conservação e Biodiversidade (FAPAS). A estagiária entrevistou duas crianças — a declaração de uma delas, inclusive, resultou no título da reportagem —, além dos representantes da associação. A observação começou por volta das 22h e o artigo foi publicado no online duas semanas após o evento. Nesse dia, na companhia do fotógrafo Tiago Bernardo Lopes, a estagiária pôde tirar dúvidas sobre fotografia e acompanhar o processo de captura das imagens em longa exposição, pois o ambiente não possui luz artificiais e era noite, a escuridão era quase completa se não fosse pela luz emitidas pelos pirilampos.

Relativamente aos textos da Lusa, foram “tratados” de sete. Os textos chegam ao PÚBLICO pelo *backoffice* na aba “Agências”. Como o Azul fala sobre assuntos relacionados ao clima e biodiversidade, focamos nas editorias “Ambiente”, no entanto, a estagiária sempre manteve um olhar cauteloso para as outras secções da lusa, pois, geralmente, em “Sociedade” também há assuntos de interesse do Azul. Por vezes, em vez de “limpar” a lusa, a estagiária era orientada a escrever uma notícia a partir do assunto divulgado pela agência. Os temas eram, na sua maioria, de cunho de divulgação científica, portanto, a estagiária entrava em contacto com os investigadores para entrevistas e explicações sobre os resultados e associações pertinentes à temática abordada. Alguns exemplos construídos a partir desse modo estão “Portugal continental poderá ter a sua primeira área marinha protegida do século XXI”, “Dezenas de botos deram à costa em Portugal este ano. Porquê?” e “Nuvem de fumo dos incêndios do Canadá chega a Portugal, mas só até quinta-feira”.

No que tange à tradução de artigos, foi-lhe solicitado que a estagiária a fizesse 12 vezes. É importante dizer que estes trabalhos vinham de duas maneiras: por pedido da editora, ou por sugestão da estagiária quando encontrava um tema interessante ao ler o *The Washington Post*, *Bloomberg* ou um trabalho da *Reuters* no *backoffice*. Os meses de maio e junho foram marcados por traduções sobre relatórios, estudos ou temas ambientais a nível global. O maior texto a ser traduzido, com um total de 1605 palavras e 9883 caracteres, foi escrito por um jornalista do *The Washington Post*, jornal que o PÚBLICO possui parceria, e o seu título foi traduzido como “O despertar da espiritualidade natural: uma nova era de conexão e amor à natureza”. E o menor com 216 palavras e 1292 caracteres, publicado pela *Reuters*, e intitulado “O El Niño chegou: será ‘super’ ou não? — eis a questão”; o artigo foi traduzido pela estagiária e complementado com informações acerca do fenómeno pela editora *Andrea Cunha Freitas*. É relevante ressaltar que a maioria das traduções era extensa e demandavam conhecimento de termos específicos, portanto, houve momentos em que a estagiária precisou dedicar um dia inteiro de trabalho para completá-las. No Azul, as traduções não são assinadas, mas a estagiária tomou nota desde a primeira vez que precisou fazê-las e separou-as numa tabela (Anexos: Tabela 4) com hiperligação para artigo original, jornal publicado originalmente e quantidade de palavras e caracteres. A seguir, na análise qualitativa, a estagiária discorrerá sobre a importância das traduções no seu percurso profissional.

O género jornalístico predominante nos trabalhos desenvolvidos pela estagiária foi a notícia. A inexistência de entrevistas de personalidade, breves, crónicas e artigos de opinião entre os artigos escritos não se deu por falta de vontade da estagiária e sim pelo modo de funcionamento do PÚBLICO e do Azul. Ao contrário das outras editorias, como o *Local* e o *P3*, não é comum ter a redação e publicação de breves,

visto que no próprio Estatuto Editorial da secção afirma ser “um projeto de jornalismo digital, que recorrerá a modelos de informação inovadores e apostará em recursos multimédia para levar a informação que produz aos seus leitores”. Nos objetos iniciais, a estagiária traçou a meta de ter 15 artigos assinados e fazer uma reportagem, e o propósito foi até ultrapassado, desenvolvendo 17 textos assinados e a cobertura de quatro reportagens.

Por fim, uma observação de extrema importância é que até a data final de análise neste relatório, 8 de julho de 2023, ainda há quatro trabalhos a serem desenvolvidos, aguardando a finalização e data agendada para a publicação. Entre eles, estão dois artigos sobre os “Animais de verão” em que a estagiária contribuirá para o P2 de Verão de 2023, um suplemento do PÚBLICO do Caderno P2, neles a aluna descreve algumas curiosidades sobre os pirilampos e a sua luminescência e o canto da cigarra. Além disso, também para o P2, há os “Mitos ambientais” em que a estagiária escreve sobre o motivo das pessoas não poderem jogar cabelo na sanita e formas mais adequadas de descartá-los, inclusive na compostagem. Este último assunto, leva-nos ao último trabalho a ser completado até o final de julho. É uma reportagem sobre a importância da compostagem para a comunidade e para o ambiente. Para ele, duas entrevistas já foram realizadas com um ambientalista da ZERO — Associação Sistema Terrestre Sustentável e com o presidente da LIPOR, empresa responsável pela Gestão de Resíduos do Grande Porto.

ANÁLISE QUALITATIVA

O estágio curricular permite que o estudante de jornalismo sinta na prática o que é ser um profissional de comunicação num jornal. Durante o período analisado neste relatório, destacam-se muitas experiências positivas, como conhecer colegas de profissão, desenvolver-se na escrita, melhorar as competências de comunicação de modo a entender o tom adequado a ser utilizado para cada situação e conhecer histórias e pessoas — como contam as peças “*Na passerelle em Leixões, 80 mulheres mostram que velhos são os trapos. E nem esses!*” (Anexos: Fotografia 3) e “*Quer apadrinhar uma oliveira abandonada? Há um projecto para recuperar estas árvores*” (Anexos: Fotografia 4) — que, certamente, não seria possível fora do jornalismo. No entanto, a estagiária também vivenciou momentos desafiadores que devem ser mencionados e discutidos nesta análise.

No seu primeiro dia de estágio, ainda sem saber em qual editoria trabalharia e as suas responsabilidades, o diretor do PÚBLICO, David Pontes, fez-lhe um pedido: ir em reportagem sozinha à Super Bock Arena — Pavilhão Rosa Mota, nos Jardins do Palácio de Cristal, naquele mesmo dia. Então, depois do almoço, recebeu instruções

claras da subeditora do Azul, Claudia Carvalho Silva, sobre o tema e o trabalho a ser executado. O evento em questão era a Conferência Cidade Azul em celebração ao 1.º ano de existência da secção. Para isso, precisaria entrevistar alguns participantes, tanto os palestrantes quanto os que assistiram os workshops, e descrever o propósito da conferência. Durante a reportagem, por estar sozinha e a representar o PÚBLICO, o medo foi grande e a ansiedade ainda maior. A estagiária redigiu o texto, publicado no mesmo dia, mas o resultado não foi tão satisfatório. Por volta das 20h30 daquele dia, ao sair da redação, a sua editora liga-lhe para perguntar as especificidades do evento: “conte-me a história: Como foi a conferência? O que foi mais impactante? O que mais gostou? Pense na escrita da reportagem como uma conversa entre amigos”, nas palavras de Andrea Cunha Freitas, esse foi o primeiro feedback recebido pela estagiária. No dia seguinte, a editora explicou-lhe a importância dos pormenores na reportagem. Assim, a estagiária entendeu que precisava ter olhos atentos, ouvidos aguçados e notas detalhadas para redigir uma boa reportagem.

Ainda a falar desse género jornalístico, como já mencionado, a estagiária fez a cobertura do São João do Porto com o fotojornalista Paulo Pimenta; foi o trabalho mais especial realizado durante o período analisado. Por ser estrangeira, o jornalista do Local sugeriu que tivesse um olhar diferente sob as celebrações da cidade. Foi um dia cansativo e que exigiu bastante energia e dinamismo da estagiária, tanto na sexta (23 de junho) como no sábado (24 de junho). Apesar da exaustão, o resultado foi extremamente satisfatório, recebendo ligações telefónicas dos colegas jornalistas para a parabenizar pela reportagem e comentários positivos na redação. O título “Manuel quer chegar aos 100 anos para continuar a celebrar o São João do Porto” surgiu com o último entrevistado do dia, quando às 02h30, na Baixa do Porto, a estagiária destinava-se a casa. A felicidade de Manuel diante ao festejo motivou-a a escrever considerando todas as orientações recebidas e leituras intermináveis conduzidas nos dias anteriores.

No entanto, nem sempre a escrita foi agradável e descomplicada. O Azul aborda temas relacionados ao ambiente, biodiversidade, crise climática e sustentabilidade, por isso precisou escrever sobre meteorologia, fenómenos climáticos como o El Niño e La Niña (Anexos: Fotografia 5) e relatórios da Associação Portuguesa do Ambiente (APA), World Wide Fund for Nature (WWF), entre outros. Apesar de alguns desses serem assuntos de interesse da estagiária, às vezes o processo de escrita envolvia muitas horas de pesquisa, conversas com diversos especialistas, leitura de artigos científicos e troca de conhecimento com os outros jornalistas do Azul, tornando a atividade dispendiosa e mentalmente fatigante. Independentemente do desencanto por este tipo de notícia, a estagiária sempre visou fazer o seu melhor e absorver o máximo dos ensinamentos transmitidos. É primordial destacar que a subeditora do Azul

sempre ajudou a estagiária, forneceu-lhe instruções objetivas, exemplos, inúmeras fontes para ajudá-la a redigir os textos, e, até mesmo depois do seu horário de trabalho, mostrou-se disposta a auxiliá-lo no que fosse preciso com calma, carinho e paciência.

Por fim, também é relevante falar sobre o que a estagiária acredita ter sido o seu maior desenvolvimento: a utilização da língua portuguesa. Para explicar este assunto, serão divididas entre a redação de textos de própria autoria e traduções. A começar pelos textos assinados, desde o início, um desafio foi avistado: a escrita em português europeu que não segue o Acordo Ortográfico (AO). No Brasil, a estagiária foi alfabetizada seguindo o AO, portanto, quanto à ortografia, acentuação e hifenização, a cautela precisou ser redobrada. O Livro de Estilos do PÚBLICO, na versão digital, foi um bom companheiro, mas a estagiária também contou com outro aliado: o copy-editor do PÚBLICO, Aurélio Moreira, a quem recorreu com dúvidas de sintaxe, semântica e ortografia. Aurélio, no Brasil, é nome de um dos maiores dicionários de língua portuguesa, e foi exatamente o sentimento que a estagiária teve ao conhecê-lo e aprender tanto, não só sobre os elementos já citados, como também a história da língua do seu próprio povo. Relativamente às traduções, a estagiária possui uma certificação de tradução do Curso de Especialização de Tradutores Daniel Brilhante de Brito (DBB), concluída em 2020. Devido à pandemia, nunca pôde, de fato, trabalhar como tradutora em editoras ou jornais, apenas como freelancer. No PÚBLICO, teve a oportunidade de traduzir peças jornalísticas de grandes veículos de comunicação como a Reuters e o The Washington Post. As traduções, além de serem elogiadas pelas editoras, ensinaram-lhe muito sobre as diferentes estruturas de reportagens e notícia e como o perfil de escrita de cada jornalista é único, por conseguinte, deve ser respeitado e mantido quando transposto de um idioma para o outro. As traduções feitas para o PÚBLICO enriqueceram o currículo e as competências linguísticas pré-existentes da estagiária.

REFLEXÃO: A LICENCIATURA E O ESTÁGIO

O estágio curricular é um momento para pôr em prática os conteúdos aprendidos ao longo dos três anos e concluir o primeiro grau da vida acadêmica. Mas, além disso, é o momento em que os alunos podem vivenciar, de fato, o que é o jornalismo, as suas belezas e dificuldades, tristezas e felicidades em ser um veículo de informação ao mundo. É a oportunidade de conhecer os colegas de profissão, aprender a rotina, ler e escrever como nunca e observar o seu trabalho publicado e, muitas vezes, assinado, marcando uma experiência única na vida de cada estagiário.

O percurso académico desempenha um papel crucial na orientação dos estudantes. No primeiro semestre do primeiro ano da licenciatura, tudo é novo e muitas unidades curriculares podem parecer dispersas e muito generalistas. No caso da estagiária, por ser estudante internacional, a pandemia de COVID-19 teve um grande impacto no início da sua vida académica. As disciplinas do primeiro semestre foram feitas apenas no ano seguinte, em 2021, pois, devido às restrições no tráfego aéreo, não conseguiu embarcar para Portugal até o início das aulas, em setembro de 2020. Não viver o início do ano académico, juntamente as aulas online no segundo semestre, acarretou algumas dificuldades de relacionamento interpessoal com os colegas de turma, que se prolongou até o final do segundo ano, e também um esforço da aluna para perceber o que os professores diziam durante as aulas devido à diferença de sotaque entre o Brasil e Portugal.

No segundo ano, as peças desse *puzzle* começaram a encaixar-se quando passou a ter disciplinas específicas para o jornalismo com maior regularidade e atividades práticas. Unidades curriculares como Técnicas de Expressão Jornalística (TEJ) — Audiovisual, Online e Imprensa e Atelier Integrado de Jornalismo (AIJ) foram fundamentais para desenvolver habilidades e desempenhar o papel de um jornalista. Entre elas, destacam-se: averiguação da fonte de informação, estratégias para entrevistas, experiência em terreno para realização de reportagens para a avaliação de TEJ Imprensa e também para o jornal de AIJ. No segundo ano, as aulas de TEJ Online II com o professor Fernando Zamith desafiaram, por todo o semestre, os estudantes a escrever sobre temas previamente definidos pelo professor durante somente o período da aula; essa metodologia foi uma “amostra” do quotidiano de um jornalista. Na avaliação, o professor Zamith considerava a clareza e coesão do texto, a sua estrutura, incorporação de hiperligações e arquivos multimédia — destacam-se os direitos autorais e maneiras éticas de buscá-los e citá-los na legenda —, o lead e o título. Ao chegar na redação, os critérios foram muito similares e a estagiária. Por vezes a editora e subeditora pediram a estagiária para escrever notícias num curto prazo até a publicação, apesar da pressão e nervosismo pela falta de experiência, sentiu-se confiante por ter os conhecimentos recebidos outrora pelos professores.

Ao longo da licenciatura, a aluna recebeu, de um dos docentes, orientações valiosas em sabedoria, respeito e comentários que a motivaram a escrever cada vez mais. Não por acaso, a estudante escolheu o professor Hélder Bastos, que tanto a ajudou, para ser o seu orientador de estágio. Durante as aulas de Técnicas de Expressão Jornalísticas — Imprensa I e II, ressaltava o fascínio pelo jornalismo de imprensa. Com a reportagem sobre um desfile de moda de mulheres acima dos 50 anos — que confeccionaram as próprias roupas durante oficinas de uma iniciativa de reinserção social chamada From Granny to Trendy —, a estagiária pôde ver o seu texto na edição

impressa pela primeira vez, o que aconteceria mais outras três vezes (Ver anexo XX). Naquele momento, sentiu-se feliz por dar o primeiro passo para se tornar uma jornalista/repórter como aquelas que admirava durante as aulas do professor Helder Bastos.

Ademais, é crucial ressaltar que outras unidades curriculares como Atelier Multimédia (AM), Tecnologia dos Media (TME) e Novos Media (NMED), embora não sejam matérias específicas de jornalismo, tiveram um papel fundamental na formação da aluna. No PÚBLICO, como na maior parte dos jornais, precisa-se de organização e uma gestão de tempo e projetos efetiva para os trabalhos serem bem desenvolvidos e entregues; a estudante pôde reforçar essas habilidades com as disciplinas supracitadas. Dessa maneira, além da redação dos textos, a estagiária cumpriu os prazos, definiu as prioridades e nunca deixou de entregar no tempo estipulado o que se propôs a fazer.

CONCLUSÃO

No decorrer do seu estágio curricular no PÚBLICO, a estagiária teve a oportunidade de vivenciar inúmeras experiências enriquecedoras e desenvolver habilidades essenciais para o início da sua carreira como jornalista. Durante esse período, foi responsável por redigir e colaborar com a escrita de peças em diferentes géneros jornalísticos, que lhe proporcionaram um crescimento significativo.

A estagiária reconhece a importância do estágio no PÚBLICO e tudo que nele foi aprendido para a sua vida profissional. Essa oportunidade reforçou a sua confiança e mostrou-lhe que o jornal em questão, de facto, parafraseando o seu lema, abre portas onde se erguem muros. Sentiu que a sua voz e trabalho eram valorizados e respeitados na redação. Além disso, teve o privilégio de ter artigos assinados e publicados. Cada texto publicado representou uma conquista pessoal e profissional, mostrando que conseguia seguir os princípios do jornalismo, segundo o Livro de Estilos do PÚBLICO, “Imparcialidade, integridade e independência em relação aos vários poderes e às fontes de informação definem a conduta profissional dos jornalistas do PÚBLICO.”

Para a estagiária, uma das experiências mais marcantes do estágio curricular foi a cobertura das celebrações do São João do Porto. Mesmo estando alocada na secção Azul, foi designada para escrever para o Local Porto. Esse desafio exigiu-lhe dois dias intensos de trabalho, incluindo a leitura de artigos anteriores sobre o evento, entrevistas com participantes e a redação do texto. Ver a reportagem ocupando duas páginas na versão impressa do jornal foi-lhe uma realização pessoal e um reconhecimento do seu empenho e dedicação.

Além disso, a estagiária teve oportunidade de participar de uma observação de pirilampos aberta ao público, organizada pela Associação Portuguesa para a Conservação e Biodiversidade. Acompanhada por um fotógrafo, entrevistou crianças e representantes da associação. Essa experiência permitiu-lhe vivenciar de perto o trabalho de um fotógrafo e aprender sobre técnicas de fotografia em condições de baixa luminosidade. A reportagem resultante proporcionou-lhe uma sensação de realização por contribuir para a divulgação da preservação da biodiversidade.

Ao longo do estágio, também teve a oportunidade de trabalhar com artigos da Agência Lusa, adaptando-os conforme o Livro de Estilos do PÚBLICO. Essa atividade permitiu-lhe aprimorar as suas habilidades de edição e aprender a incorporar imagens e hiperligações para enriquecer o conteúdo. Além disso, traduziu textos de jornais internacionais, como The Washington Post, Bloomberg e Reuters, ampliando e fortalecendo a sua experiência na tradução de conteúdo jornalístico.

Durante esta jornada, aprendeu a importância da organização, da gestão de tempo e do cumprimento de prazos. O PÚBLICO exige um alto padrão de qualidade, o que lhe incentivou a aprimorar as suas habilidades de escrita, pesquisa e verificação de informações. A estagiária teve o privilégio de contar com o apoio e orientação de profissionais experientes, que lhe proporcionaram feedback construtivo e lhe ajudaram a crescer profissionalmente.

Dessa maneira, o estágio curricular foi uma oportunidade única de vivenciar a prática jornalística, superar desafios e consolidar o seu conhecimento teórico. As conquistas alcançadas ao longo desse período foram inestimáveis e impulsionaram-lhe a seguir em busca de uma carreira sólida no jornalismo. A estagiária termina esta experiência grata pelas vivências proporcionadas pelo PÚBLICO e confiante de que está preparada para enfrentar os desafios futuros da profissão.

ANEXOS

WEBGRAFIA

PÚBLICO (2018). História da fundação do Jornal PÚBLICO. Disponível em <https://www.publico.pt/2018/03/05/sociedade/noticia/no-principio-eram-zeros-e-assim-nasceu-um-jornal-1805157> (Consultado a 7 de julho de 2023)

PÚBLICO (2021). Multimédia Azul. https://www.publico.pt/azul/multimedia?ref=azul&cx=azul_multimedia--594896 (Consultado a 8 de julho de 2023)

PÚBLICO (1990). Estatuto Editorial. Disponível em publico.pt. (Consultado a 5 de julho de 2023)

PÚBLICO (2005). O Livro de Estilo do Público. Lisboa: Público. Disponível em <https://static.publico.pt/files/provadosfactos/livro-de-estilo.pdf> (Consultado a 6 de junho de 2022)

PÚBLICO (2022). Estatuto Editorial do Azul. Disponível em <https://www.publico.pt/2022/04/22/azul/noticia/estatuto-editorial-azul-2001449> (Consultado a 5 de julho de 2023)

Sousa, J. P. (2005), Elementos do Jornalismo Impresso. Letras Contemporâneas

PÚBLICO (2023). Portfólio da jornalista estagiária Amanda Faria no Jornal PÚBLICO. Disponível em <https://www.publico.pt/autor/amanda-faria> (Consultado a 8 de julho de 2023)

ARTIGOS ASSINADOS

Nº	Título	Data de publicação	Género jornalístico	Edição
1	Fim da hibernação de ursos-pardos: felicidade no meio da estrada em Espanha	19-05-2023	Notícia	Online
2	Atum enlatado: uma iguaria com um preço humano elevado, acusa relatório	31-05-2023	Notícia	Online
3	Sacos de plástico para frutas e legumes vão ser pagos. Que alternativas existem?	31-05-2023	Notícia	Online
4	O sabonete que utiliza pode torná-lo um alvo para mosquitos	04-06-2023	Notícia	Online
5	Na passerelle em Leixões, 80 mulheres mostram que velhos são os trapos. E nem esses!	06-06-2023	Reportagem	Online Impresso
6	Movimento #RestoreNature organizou chuva de tweets e soma 20 mil numa semana	12-06-2023	Notícia	Online
7	Disparar na natureza? Só com uma câmara, não com armas. Veja as imagens	17-06-2023	Notícia	Online
8	Portugal continental poderá ter a sua primeira área marinha protegida do século XXI	18-06-2023	Notícia	Online
9	Manuel quer “chegar aos 100 anos para continuar a celebrar o São João do Porto”	24-06-2023	Reportagem	Online Impresso
10	Afonso tem uma luz na ponta dos dedos: “Acho que os pirilampos gostam de mim”	24-06-2023	Reportagem	Online
11	Calor na Península Ibérica: temperaturas podem chegar aos 44°C em Espanha	26-06-2023	Notícia	Online

12	Nuvem de fumo dos incêndios do Canadá chega a Portugal, mas só até quinta-feira	27-06-2023	Notícia	Online
13	Tábuas de cortar alimentos podem aumentar ingestão de microplásticos	30-06-2023	Notícia	Online
14	Boas notícias: foram descobertos oito ninhos de abutres-pretos este ano na Malcata	01-07-2023	Notícia	Online
15	Dezenas de botos deram à costa em Portugal este ano. Porquê?	05-07-2023	Notícia	Online
16	Projecto que transforma plástico em objectos úteis vence prémio Faz Pelo Planeta	05-07-2023	Notícia	Online
17	A Terra registou o seu dia mais quente — pela terceira vez esta semana. É normal?	07-07-2023	Notícia	Online Impresso
18	Quer ser padrinho de uma oliveira abandonada e receber azeite? É possível	08-07-2023	Notícia	Online Impresso
19	Há espécies de peixes encontradas apenas em Portugal. Veja quais são	A aguardar publicação	Notícia	-

Tabela 1: Textos assinados

ARTIGOS EM COLABORAÇÃO

Nº	Título	Data de publicação	Género jornalístico	Edição
1	Cidade Azul: andar a pé, moda	11-05-2023	Reportagem	Online

	sustentável e lixo como matéria-prima Um ano de Azul PÚBLICO			
2	Nova Iorque está a afundar-se com o peso dos arranha-céus e a ajuda da subida do nível do mar	20-05-2023	Notícia	

Tabela 2: Artigos em colaboração

ARTIGOS DA AGÊNCIA LUSA

Nº	Título	Data de publicação
1	Programa de monitorização fez diminuir mortes de aves no Estuário do Mondego Ambiente PÚBLICO	11-05-2023
2	Seca eleva o risco de extinção de porcos alentejanos Seca PÚBLICO	17-05-2023
3	Comissão da seca reúne-se esta quinta-feira para avaliar situação Ambiente PÚBLICO	01-06-2023
4	Mosquitos da dengue e febre-amarela estão a espalhar-se pela Europa Saúde PÚBLICO	23-06-2023
5	Moradores contestam demolições de habitações e restaurantes em Esposende Ambiente PÚBLICO	28-06-2023
6	Microplásticos em sistemas aquáticos acumulam bactérias	03-07-2023

	resistentes a antibióticos	
7	Seca: vender animais para não perder tudo, o dilema do Alentejo de sequeiro	04-07-2023

Tabela 3: Notícias da Agência Lusa

TRADUÇÕES

Nº	Artigo traduzido	Data de publicação	Artigo Original	Jornal
1	Joseph vive debaixo de água há 75 dias. E acha que os outros também deviam	16-05-2023	Florida researcher sets world record for most days living underwater - The Washington Post	The Washington Post
2	A seca prolongada na Europa já chegou, décadas antes do previsto	21-05-2023	Europe's Drought-Riven Future Is Here, Decades Earlier Than Expected	Bloomberg
3	Cuidado: a reciclagem de plástico também pode estar a causar um problema	24-05-2023	The little-known unintended consequence of recycling plastics	The Washington Post
4	O calor vai ser notícia em 2023. Em caso de dúvida, ouça os grilos	27-05-2023	Heat Is Already a Big Story in 2023. Ask Crickets: Weather Watch - Bloomberg	Bloomberg
5	O despertar da espiritualidade natural: uma nova era de conexão e amor à natureza	28-05-2023	'Big Earth energy': A new era of nature spirituality is here	The Washington Post
6	Reciclar a esperança: pais na Nigéria pagam escola com resíduos	07-06-2023	Nigerian parents pay school bills with recyclable waste/	Reuters
7	O El Niño chegou: será "super" ou não?	09-06-2023	Australia weather forecaster puts chance	Reuters

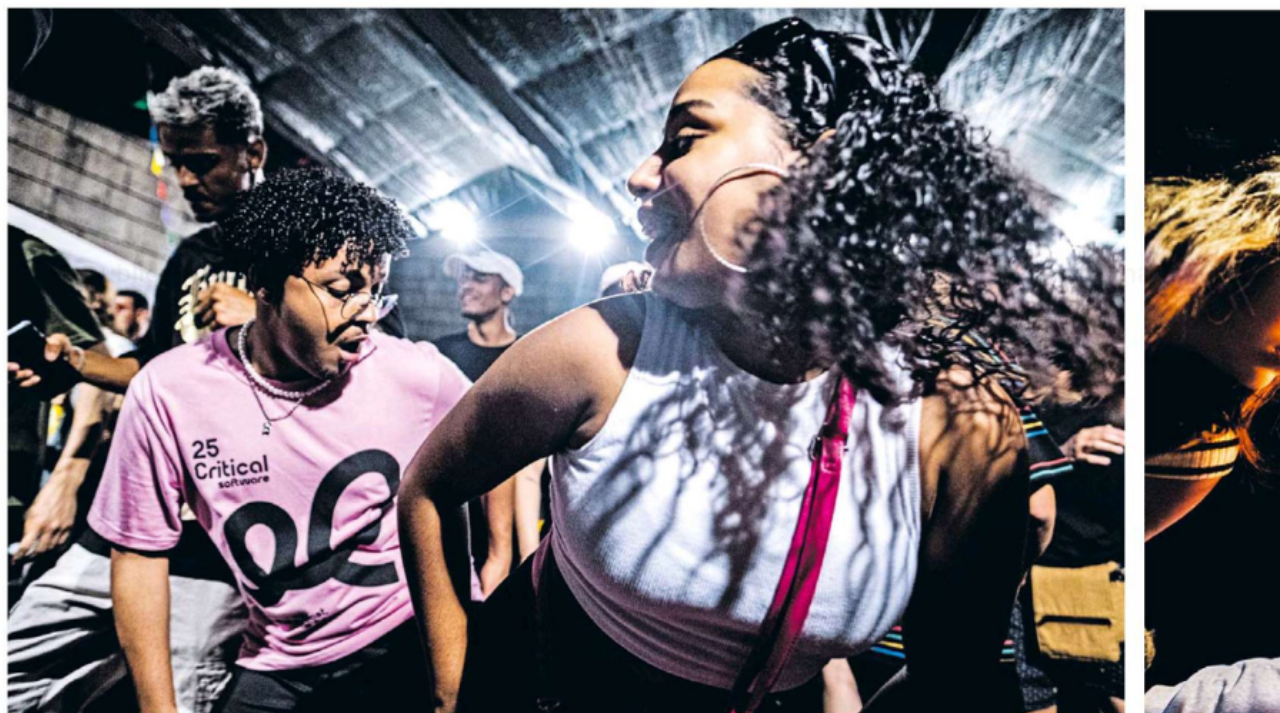
	<p>— eis a questão</p> <p>*Em colaboração Tradução da Reuters: Amanda Faria Texto complementar à notícia da Reuters: Andrea Azevedo</p>		<p>of El Nino in 2023 at 70% Reuters</p>	
8	<p>Cidades nos EUA afundam-se e o nível do mar sobe. Veja as áreas mais afectadas</p>	10-06-2023	<p>Land around the U.S. is sinking. Here are some of the fastest areas.</p>	The Washington Post
9	<p>Metas para reduzir emissões fósseis são “bastante irrelevantes”, conclui relatório</p>	12-06-2023	<p>Fossil-fuel company net zero plans 'largely meaningless,' report says Reuters.</p>	Reuters
10	<p>Desviar rios e tomar banho quatro vezes por mês. Os planos da China em tempo de seca</p>	13-06-2023	<p>As climate change hits, China weighs new water megaprojects Reuters</p>	Reuters
11	<p>A maior fábrica de chocolates do mundo tem um doce segredo: bombas de calor </p>	25-06-2023	<p>Even factories are installing heat pumps now - The Washington Post</p>	The Washington Post
12	<p>Quer parar de matar as suas plantas? Há aplicações que podem ajudar</p>	A aguardar publicação	<p>Love plants? Want to stop killing them? Try these garden apps and gadgets.</p>	The Washington Post

Tabela 4: Traduções

EDIÇÃO IMPRESSA

18 • Público • Domingo, 25 de Junho de 2023

Local Porto viveu mais uma noite de São João



Manuel quer “chegar aos 100 anos para continuar a celebrar o São João do Porto”

Das músicas tradicionais portuguesas ao samba: a noite trouxe às ruas diferentes ritmos, idiomas e sorrisos. O céu estava pintado pelo fogo-de-artifício e pelos balões coloridos

Reportagem

Amanda Faria Texto
Paulo Pimenta Fotografia

Ao entardecer já se avistam martelos, alhos-porros, bandeirinhas e milhares de pessoas sorridentes a festejar. Não há dúvidas: é noite de São João no Porto. O cheiro das sardinhas e dos pimentos assados é o aroma principal das ruas. A típica orvalhada não se fez presente, dando lugar a temperaturas quentes devido a uma onda de calor. Cada um celebrou do seu jeito, de uma esplanada a olhar a multidão a andar em passos lentos ou no meio das pessoas a martelar a cabeça de quem passava ao lado. No céu, balões coloridos despertam a admiração dos espectadores de primeira viagem. Para Manuel Loureiro, de 72 anos, o dia foi maravilhoso para recordar os “tempos de alegria vividos no passado, como os que a juventude actual está a viver”.

A música tradicional portuguesa ouve-se em cada canto da Baixa do Porto. Por volta das 21h30, no caminho para a Ribeira, os sons vindos das

colunas dos comércios davam lugar aos toques de tambor durante o ensaio da Batucada Radical. O grupo participou pela 12.ª vez nos festejos de São João do Porto, mas foi a primeira vez que desfilou na Ribeira. Helena Fernandes, presidente da Associação Cultural Batucada Radical, explica que “sempre foi um sonho”. “Mas só agora nos deram asas para o tornar realidade.” As “asas” foram dadas pela Câmara Municipal do Porto, quando propôs que os mais de 100 “batuqueiros” – como são conhecidos os integrantes da Batucada – percorressem o caminho da Igreja de São Francisco até Massarelos, após o fogo-de-artifício.

O propósito do desfile da Batucada Radical é “abraçar as tradições do Porto e homenageá-las com [um] contributo sem cunho de nacionalidade”, ressalta a presidente. O grupo utiliza instrumentação de escolas de samba, como o tamborim e o chocalho, atreladas a ritmos portugueses, como a chula. “A nossa ideia não é uma tentativa de implementação de cultura brasileira no local. É, sim, unir as duas culturas e criar essa

representatividade”, destacou o produtor musical Thiago Vichi.

“A Batucada ajuda pessoas de todas as idades e nacionalidades. Viver o São João aqui é maravilhoso”, declara com ânimo Sofia Silva, coordenadora socioeducativa da Batucada Radical que começou a sua jornada no projecto ainda com sete anos numa pequena oficina no bairro do Cerco. Ao recordar o percurso até se tornar coordenadora, sublinha que a associação transformou a sua vida, principalmente no meio académico, por incentivá-la a estudar e hoje poder contribuir para a comunidade. “É um sítio onde todo o mundo se sente amado e querido, uns ajudam os outros. Para mim, é família.”

Os toques dos tambores fazem o corpo vibrar e o coração acelerar. A mistura de samba, reggae e chula reforça a ideia de pluralidade e união da noite de São João. Risadas animadas, abraços afectuosos e as cores nas roupas e adereços dos participantes criaram um momento memorável, tanto para os batuqueiros quanto para aqueles que ouviam a melodia da Batucada Radical pela primeira vez. Para a professora Alice Sousa, de 60 anos, foi

Fotografia 1: Publicação na edição impressa da reportagem do São João do Porto



Foi uma noite de grande animação no Porto, onde o cheiro a sardinha e pimentos assados se misturou com a alegria, os ritmos e os sons de gente de diferentes origens e influências



“encantador ouvir o samba no Porto”: é uma “celebração da vida bonita com gente que ama viver”.

Esta é uma festa sem restrição de idade. Joana Rodrigues, de 26 anos, e Francisco Oliveira, de 27, que passeavam com o filho de cinco meses na Praça do Infante D. Henrique, disseram ser “apologistas de tentar desde cedo, dentro dos limites, que o filho vivencie experiências como as principais festas tradicionais”. O bebé olhava curioso para as luzes e repetia o movimento dos martelos com as mãos.

Ao andar nas ruas, notava-se a quantidade de turistas. As músicas confundiam-se com os sotaques, idiomas e expressões de surpresa por descobrir o novo. Para Manuel Loureiro, de 72 anos – “um apaixonado pela vida” como se descreveu –, a cidade cheia de estrangeiros é uma alegria. Manuel, reformado, diz não sentir a idade que tem quando celebra o São João. “Eu continuarei a ser o mesmo jovem que era até me faltarem as forças. Enquanto cá estiverem, continuo com essa juventude toda no São João”, disse, enquanto ria para quem passasse ao seu lado. Agora, admite, “há mais festividade, como os concertos e

Os toques dos tambores fazem o corpo vibrar e o coração acelerar. A mistura de samba, reggae e chula reforça a ideia de pluralidade e união da noite de São João

o fogo, mas não é livre como antes”. “Quero chegar aos 100 anos para continuar a celebrar esta festa.”

Perto da meia-noite, uma tentativa frustrada de ver o fogo-de-artifício na Ribeira do Porto, culpa da quantidade de pessoas vindas de todas as direcções. Ouve-se ao longe: “É mesmo São João, estamos como as sardinhas, mas as enlatadas.” O nervosismo dá lugar à emoção do espectáculo do fogo-de-artifício. As luzes da Ribeira apagam-se e o céu ilumina-se de dourado, vermelho e verde – e assim se mantém por 16 minutos. Para o brasileiro Ricardo Atis, de 28 anos, a viver o primeiro São João no Porto, “é uma mistura de saudade e experimentar coisas novas”. Ricardo é de Sergipe – estado do Nordeste do Brasil que também celebra o São João – e, apesar das notáveis diferenças entre a celebração nos dois países, o brasileiro conta que as semelhanças, como os balões e as bandeirinhas, “dão [um] calorzinho no coração”. O fogo e a dinâmica do festejo, acrescenta, “superaram completamente” as suas expectativas. **Texto editado por Ana Maria Henriques**



Fotografia 2: Publicação na edição impressa da reportagem do São João do Porto

Numa passerelle em Leixões, 80 mulheres mostraram que velhos são os trapos. E até nem esses!

Amanda Faria

O desfile *From Granny to Trendy* contou com mulheres acima dos 50 anos. E ainda se renovaram peças usadas

Num fim de tarde da Primavera, o Terminal de Cruzeiros do Porto de Leixões encheu-se de cor, vestidos esvoaçantes, passos estudados, corpos a desfilarem, por vezes a dançar. Nada de novo não fossem as modelos algo diferentes do habitual e o que vestiam, também fora do normal. Ninguém ali tinha menos de 50 anos nem as suas roupas tinham sido criadas pela primeira vez. Antes foram recriadas por estas 80 mulheres, que as vestiram cheias de orgulho, não só das suas criações como da sua idade. No desfile *From Granny to Trendy*, na segunda-feira ao final da tarde, o que mais se sentiu foi uma alegria e uma emoção incontidas.

O projecto criado em 2017 pela *Vintage for a Cause*, marca de roupa com *design* circular, promove a capacitação e inclusão social de mulheres com mais de 50 anos. Para o primeiro desfile pós-pandemia, as participantes puderam “dar a volta às próprias roupas que pareciam já não ter aproveitamento” durante os *workshops* de costura, explica Helena Antónia Silva, a fundadora da marca.

Além do vestuário diferente do habitual, e muito colorido, as manequins destacaram-se também pelos penteados e maquilhagem feitos por membros da Associação de Cabeleireiros de Portugal. Maria Nunes, de 71 anos, tem mechas cor-de-rosa no cabelo. “Mostrei o meu vestido à cabeleireira e escolhemos juntas o meu penteado, para tudo combinar”, diz, acrescentando estar “muito feliz por este dia diferente”, em que desfilou pela primeira vez.

O desfile foi apresentado pela comunicadora Isabel Silva, que, ao contextualizar o projecto, sublinha que “as peças contam uma história”. Primeiro soaram as vozes do coro comunitário Frenesim, que ecoaram no espaço, preparando os familiares e amigos para o entusiasmo que se seguiria. Enquanto isso, as modelos aguardavam ansiosamente o momento de mostrar ao mundo a sua criação.

As modelos do Porto, Esposende e Gondomar tiveram total protagonismo no evento. No palco, faziam poses, mandavam beijos e algumas dançavam. Cada mulher, indepen-



O desfile encheu o terminal de Leixões de cor e alegria

dentemente da idade, traduziu a própria personalidade na roupa que vestia. Os acessórios variaram de brincos pequenos a chapéus com estampas e óculos escuros. Nos pés, as sapatilhas e os saltos altos estavam entre as principais escolhas.

Apesar das diferenças, há algo em comum: a sensação de voltar a sentir-se útil. “Elas sentem-se extremamente realizadas com o trabalho que realizaram e o grupo que constituíram. É importante combater o isolamento nesta faixa etária”, explicou a psicóloga Raquel Seixas, da União de Freguesias do Centro Histórico do Porto, que acompanhou as participantes do projecto *From Granny to Trendy*.

“Estamos vivas e alegres. Transformei a minha roupa e também [me transformei] a mim. Era uma peça que já não usava e agora tenho algo novo”, relatou Ermelinda Cerdeira, de 74 anos. Como outras participan-

tes, para Ermelinda, o sentimento de fazer parte de um grupo foi essencial: “Cortar as peças era difícil, mas tínhamos o convívio. Se eu não conseguisse fazer, outra ajudava-me e assim seguimos.”

Entre as colaboradoras estava Katty Xiomara, *designer* de moda parceira da *Vintage for a Cause*, que auxiliou na formação das participantes de Gondomar. Katty explica que “nem sempre era fácil ter tempo para todas, mas é interessante ver o entusiasmo gerado em torno do que faziam”. O conhecimento das alunas na área da confecção variava entre as que “percebiam menos” às que já “estavam habituadas a coser”. No entanto, Katty afirma que “mesmo as que já tinham experiência no início do projecto acabaram por abraçar conselhos novos para reconstruir peças antigas”.

No fim do evento, as 80 manequins, anteriormente divididas em dois grupos com 40 mulheres cada, desfilaram juntas, sendo ovacionadas pela plateia. Entre as lágrimas de felicidade e o êxtase da concretização de um projecto, muitas avós foram elogiadas pelos netos.

Para Ida Martins, de 88 anos, que transformou uma peça que não lhe cabia há mais de 17 anos num vestido novo, o evento foi “o melhor” da sua vida, e ressalta que se tiver a oportunidade de desfilarem novamente, quer fazê-lo mais vezes. Por já ter algum conhecimento de costura, a modelo diz que ensinou muitas amigas do projecto. A neta de Ida, Mercedes Santos, de 28 anos, descreve que a avó voltava para casa depois da actividade do grupo com um “sorriso grande”. Texto editado por Ana Fernandes



Estamos vivas e alegres. Transformei a minha roupa e também a mim. Era uma peça que já não usava e agora tenho algo novo

Ermelinda Cerdeira
Modelo de 74 anos

Fotografia 3: Edição impressa da notícia sobre o projeto “From Granny to Trendy”

Quer apadrinhar uma oliveira abandonada? Há um projecto para recuperar estas árvores

Amanda Faria

O projecto Apadrinha uma Oliveira tem o objectivo de recuperar 10 mil oliveiras. Cada padrinho também recebe azeite

Já pensou baptizar uma árvore centenária com um nome à sua escolha para ajudar na sua preservação? É este o objectivo do projecto Apadrinha uma Oliveira, lançado recentemente em Abrantes, região conhecida pela tradição do olival em Portugal. O objectivo da iniciativa é recuperar oliveiras com centenas – e até milhares – de anos através de um programa de apadrinhamento. Além da conservação, os padrinhos e madrinhas recebem dois litros de azeite da sua oliveira e contribuem para a criação de 27 postos de trabalho no município.

O projecto desembarcou recentemente em Santarém, inspirado pelo enorme sucesso da sua versão espanhola, o Apadrinha un Olivo, em Oliete, na região de Teruel. O director executivo deste projecto em Portugal, João Rijo, disse ao PÚBLICO que a decisão de importar a ideia foi “orgânica”, impulsionada pela preocupação com o crescente abandono dos olivais no país.

O objectivo é “aplicar os conhecimentos e experiências adquiridos em Oliete”, mas desta vez na região de Abrantes. Nos seus oito anos de existência, a iniciativa espanhola já recuperou mais de 15 mil oliveiras, gerando 16 postos de trabalho. Agora, a associação pretende replicar esse sucesso em terras lusas, visando a recuperação de 10 mil oliveiras.

Em Portugal, cada padrinho ou madrinha paga 60 euros por ano para ajudar com os custos da recuperação da oliveira afillhada: a poda para eliminar ramos secos, os trabalhos no solo, a fertilização do solo e o tratamento ecológico de pragas e irrigação, por exemplo.

“Queremos envolver os portugueses na protecção e conservação do seu património natural e cultural”, afirmou João Rijo. A escolha de Abrantes como local para avançar com a recuperação das árvores deve-se devido a esta região ter as oliveiras mais antigas em território nacional, diz, e de ter mais de 200.000 hectares de olivais abandonados, o equivalente a 2800 campos de futebol. “Decidimos agir e lutar para proteger e cuidar destas oliveiras antigas com o apoio da sociedade e do patro-

cinador”, acrescentou o director. Tanto a iniciativa espanhola como a portuguesa têm a empresa Endesa como principal patrocinador.

Entre as oliveiras à espera de apadrinhamento, há uma em destaque: a *Conecta*, que se estima que tenha mais de 1000 anos. O nome, segundo a organização, simboliza a ligação entre os mundos urbano e rural, que “estão mais próximos do que pensamos porque uns anseiam pelos recursos que não têm na cidade e outros procuram dar voz aos problemas do mundo rural.” A idade da árvore foi calculada pela espessura do seu tronco e raízes.

As raízes do abandono

O abandono dos olivais aconteceu devido à falta de substituição geracional nos campos por desinteresse ou falta de recursos financeiros, baixa rentabilidade económica quando comparada com outras áreas e o êxodo rural. No entanto, a preservação das oliveiras é essencial para atenuar os riscos de incêndios, for-

talecer o ecossistema e promover o desenvolvimento económico local quando as árvores voltarem a ser produtivas. A associação também refere que as oliveiras nos ajudaram “a sobreviver durante muitos séculos” e que também é importante recuperá-las por serem um “símbolo de identidade” português.

A iniciativa visa criar até 27 postos de trabalho em Abrantes para fazer a manutenção das oliveiras. “Começamos por criar um grupo de trabalhadores no terreno, que são responsáveis e especialistas na recuperação do olival, e podem realizar os cuidados necessários para trazê-lo de volta à vida”, explica o responsável João Rijo. Além disso, a associação contratará uma equipa para produzir o azeite e outra para gerir o projecto e as visitas dos padrinhos e madrinhas. Assim, além da preservação e conservação das árvores, o desenvolvimento económico e social também é estimulado.

Para apadrinhar uma oliveira, basta aceder ao *site* da organização (apadrinhaumaoliveira.org/escolha-sua-oliveira/), escolher através das fotografias aquela de que mais gostar, pagar uma contribuição anual de 60 euros e atribuir-lhe um nome.

João Rijo conta ao PÚBLICO que o projecto encoraja a nomeação da árvore, pois “é essencial poder representar ou simbolizar na oliveira a pessoa que se deseja homenagear.” Os padrinhos ou madrinhas recebem fotos do desenvolvimento da árvore apadrinhada e podem visitá-la fisicamente. Após a colheita, recebem dois litros de azeite das oliveiras recuperadas pelo projecto em garrafas desenhadas por um artista. **Texto editado por Cláudia Carvalho Silva**

Cada padrinho paga 60 euros por ano para ajudar com os custos da recuperação da oliveira afillhada. A escolha de Abrantes deu-se devido a esta região ter as oliveiras mais antigas do país



Mais de 10.000 oliveiras esperam por padrinhos na zona de Abrantes

Fotografia 4: Edição impressa da notícia sobre o projeto “Apadrinha uma Oliveira”

A Terra registou o seu dia mais quente – pela terceira vez esta semana. É normal?

Amanda Faria

Foi batido o terceiro recorde consecutivo numa semana: a temperatura global atingiu 17,18 graus Celsius na quarta-feira

Poucos dias depois do final do mês de Junho – considerado o mais quente desde que há registos –, o planeta continua a registar recordes: a temperatura média da Terra voltou a atingir um máximo na quarta-feira (17,18 graus Celsius), de acordo com o Climate Reanalyzer (da Universidade do Maine, EUA), igualando a temperatura média do dia anterior. Foi o terceiro recorde diário esta semana. E o responsável pela Divisão de Clima e Alterações Climáticas do Instituto Português do Mar e Atmosfera (IPMA), Ricardo Deus, refere que estes recordes “podem acontecer cada vez mais no futuro”.

Não é incomum: nas últimas duas décadas, tem sido “frequente alcançar novos valores de temperaturas e que esses extremos de temperatura sejam batidos até nos dias seguintes”, explica Ricardo Deus, em conversa com o Azul. No entanto, é sintomático do aquecimento do planeta: “Todos conseguimos perceber que estamos a viver num clima diferente, e uma das diferenças que temos constatado, precisamente com reflexo no nosso território continental, tem que ver com a temperatura do ar.”

As projeções futuras apontam para que se possam observar valores de temperatura do ar “ainda mais altos” nos próximos anos, refere Ricardo Deus – e, também, mais recordes de temperatura.

Ricardo Deus explica que as causas deste aumento de temperatura estão directamente relacionadas com as alterações climáticas, resultantes do impacto das actividades humanas no planeta: “Neste momento, a grande concentração de gases com efeito de estufa é uma das grandes causas de um aumento da temperatura à superfície.” Em causa estão os elevados níveis de concentração dos gases com efeito de estufa, como o dióxido de carbono e o metano.

Resumindo: na segunda-feira, 3 de Julho, foi batido o recorde de temperatura média global de 17,01 graus Celsius, de acordo com um serviço dependente da Agência dos EUA para a Atmosfera e os Oceanos (NOAA, na sigla em Inglês). No dia seguinte (4 de Julho), foram registados 17,18 graus Celsius, valor atingido novamente na



Junho foi também o mais quente desde que há registo

quarta-feira (5 de Julho). A anterior temperatura média mais alta tinha sido registada há um ano, em Julho de 2022: foram 16,92 graus.

O Junho mais quente

Estes recordes da temperatura média juntam-se a o recorde de Junho de 2023 ter sido o mais quente globalmente desde que há registo, “muito acima do anterior de Junho de 2019”, lê-se num boletim do Serviço de Alterações Climáticas do Copérnico, o programa de observação da Terra da União Europeia. A temperatura média global foi de 16,51 graus Celsius em Junho, pouco mais de 0,5 graus Celsius acima da média de 1991-2020, refere o relatório. As maiores anomalias de temperatura foram detectadas no Noroeste da Europa, e Portugal também registou temperaturas ligeiramente acima do normal para o normal neste mês.

As temperaturas de Junho já têm estado acima da média nos últimos 15 anos, mas este mês de 2023 esteve “muito acima dos outros”, afirmou o cientista Julien Nicolas à agência France Press, justificando que este recorde de Junho se deve em grande parte às temperaturas muito elevadas da superfície do oceano. “É o tipo de

anomalia a que não estamos acostumados.”

Os cientistas têm vindo a alertar para que o ano de 2023 poderá ter vários recordes de temperatura. Estes agora registados acontecem em combinação com o fenómeno climático *El Niño*, que está a começar a formar-se.

Num comunicado divulgado em Junho, a Organização Meteorológica Mundial (OMM) salientou que a chegada do *El Niño*, apesar de ter “força moderada”, pode “provocar mais calor extremo em muitas partes do mundo e no oceano”. Esse fenómeno climático voltou a ocorrer no meio do mês passado, após três anos de *La Niña*, em que houve pequenas descidas nas temperaturas por todo o planeta. Sob a influência do *El Niño*, a previsão é de um Verão mais quente e húmido na Península Ibérica.

O chefe da Divisão do Clima do IPMA explica que, por ser um fenómeno climático cíclico que ocorre no oceano Pacífico, onde a temperatura da superfície do mar se eleva acima do normal, o *El Niño* desencadeia uma série de fenómenos com impactos variados no clima e nas condições meteorológicas de diferentes regiões do planeta.

Ou seja: em algumas áreas, o *El Niño* pode causar chuvas intensas e inundações, enquanto noutras provoca diminuição da precipitação e aumento da temperatura. Ricardo Deus não traça uma relação directa entre os recordes de temperatura de Julho e este fenómeno, mas não nega os seus efeitos: “Se estívemos num planeta mais quente, o *El Niño* terá tendencialmente a temperatura da superfície do mar mais elevada e será ainda mais escalado.” *Texto editado por Claudia Carvalho Silva*

As temperaturas de Junho já têm estado acima da média nos últimos 15 anos, mas este mês de 2023 esteve “muito acima dos outros”

Fotografia 5: Edição impressa da notícia sobre meteorologia



Declaração

VV. Ex.^{as},

A Amanda Faria realizou um estágio curricular na secção Azul (dedicada a temas relacionados com a crise climática, ambiente, sustentabilidade e biodiversidade) de 10 de Maio a 9 de Agosto de 2023, na redacção do PÚBLICO do Porto.

Desde o primeiro dia que a Amanda demonstrou capacidades valiosas para o exercício da profissão de jornalismo. Extremamente empenhada e disposta a ouvir e aprender, a Amanda revelou uma evolução ao longo do estágio, mostrando sempre boa-vontade e espírito crítico. Mostrou ainda prontidão e apetência tanto para reagir a temas de actualidade diária como para fazer trabalhos mais desenvolvidos e reportagens no terreno.

Convém ainda dizer que a Amanda se integrou muito bem na equipa desde o primeiro dia, participando nas discussões editoriais e mostrando vontade de aprender mais, de fazer mais e melhor.

A minha observação geral do seu trabalho ao longo destes meses, enquanto subeditora do Azul, permite-me dizer que a Amanda Faria teve um desempenho positivo durante o seu estágio e permite-me também atestar a sua capacidade para o exercício do jornalismo.

Lisboa, 4 de Julho de 2023

Claudia Carvalho Silva

Claudia Carvalho Silva
Subeditora do Azul

PÚBLICO - Comunicação Social, S.A.

Endereços: Edifício Diogo Cão – Docas de Alcântara Norte, 1350-352 Lisboa | Rua Júlio Dinis n.º 270 Bloco A 3.º, 4050-318 Porto | Telefone 210111000 | Fax Dir. Empresa 210111015 |
Email: publico@publico.pt | C.R.C. Maia n.º 57474 | NIPC 502 265 094 | Capital Social € 4.050.000,00 | Sede Social: Lugar do Espido, Via Norte, 4470-177 Maia
<http://www.publico.pt>